

O dicionário de Luiz Hanns é composto por quarenta verbetes referidos ao universo conceitual de Freud e que se abrem para sua rede conotativa. Assim, além de esclarecer os sentidos dos conceitos, traz contextos de uso de termos dos quais a escrita freudiana se apropriou, ao nomeá-los. Para evocar a rede de conotações, o autor investigou que sentidos dos termos são imediatos para falantes do alemão e pesquisou o vocabulário científico contemporâneo de Freud. Não foram poucos os desafios enfrentados pelo livro, cujo objetivo é “fornecer amplo suporte lingüístico”, sobretudo para a tradução de verbetes que esbarra em dificuldades, e cujo projeto norteador se revela e realiza como o de, “ao localizar o entrecruzamento de leituras lingüísticas e de aspectos de relevância teórica, levar em conta as peculiaridades da língua portuguesa” (p. 34).

Melodia e estranheza no alemão de Freud

Resenha de Luiz Hanns, Dicionário Comentado do Alemão de Freud, São Paulo, Imago, 1996, 505 p.

Partindo da relevância e da especificidade do uso da língua alemã feito por Freud, Luiz Hanns tem como objetivo contribuir para que o leitor de Freud fique “menos indefeso diante dos efeitos da tradução”. Entende as “interferências interpretativas”, como “distorções inerentes ao ato de tradução” (p. 23). Não se apresenta como vacinado contra tais efeitos, quando também propõe traduções (embora seu objetivo não seja o de traduzir termos), mas se dispõe, ao fazê-lo, a expor os instrumentos e a matéria disponíveis para a tradução. No início de seu trabalho, comenta o esmiuçamento que vem tendo, por parte de vários autores, a linguagem e o estilo freudianos. Diante da rica bibliografia a que se refere, e da qual destaca, no final de sua obra, trinta e cinco títulos (listados em *Bibliografia Adicional Comentada*), explicita seus pressupostos e declara a que vem mais este livro: “se não há como fazer uma leitura objetiva e neutra (da obra freudiana), é sempre possível partilhar com o leitor as premissas e os critérios que sustentam as posições apresentadas” (p. 33).

O *Dicionário* foi concebido de forma que o leitor possa localizar os vocábulos e o contexto dos quais partiram diferentes escolhas de diferentes tradutores, fundamentar suas próprias escolhas, avaliar que desacordos considera de seu interesse e que divergências são relevantes para suas indagações, reflexões e pesquisas. Como a obra pretende ser útil sobretudo para quem não tem conhecimento do alemão, os verbetes, correspondentes a conceitos freudianos, são apresentados em português. Para os que já o consultam procurando esclarecimento ou informação sobre os termos em alemão, inglês, francês ou espanhol, há os respectivos glossários no final do volume.

Algumas das informações específicas sobre o idioma alemão, colocadas no início, para facilitar a consulta, mostram também qual a função do *Breve Comentário sobre a Língua Alemã*. Aí encontramos, por exemplo, esclarecimentos sobre a possibilidade do alemão moderno, de criação de novas palavras no cotidiano, por meio de combinação. Explorando essa possibilidade, válida para *qualquer palavra*, da qual resultam às vezes termos enormes, Freud criou termos como *Selbsterstörungstrieb* (pulsão de autodestruição). Também a título de exemplo dos comentários de Luiz Hanns, destaquemos *A Afíxação*, isto é,

o uso de *sufixos, prefixos, infixos e circumfixos*. Só no caso do verbo *arbeiten* (trabalhar), Freud utiliza seis variações a partir de prefixos, para designar tipos de trabalho psíquico: *aufarbeiten, bearbeiten, durcharbeiten, mitarbeiten, umarbeiten* e *verarbeiten*.

Os verbetes do dicionário são apresentados, cada um em cinco módulos: O Termo em Alemão, Etimologia e Termos Correlatos, Comparação com o Termo em Português, Exemplos de Uso em Freud e Comentários. Tudo leva a crer que os módulos iniciais preparam o leitor para tirar suas próprias conclusões diante dos parágrafos de Freud onde o termo considerado aparece, pois “Não é o termo em si, mas o contexto e a forma como é inserido na frase que determinarão quais das suas possíveis conotações e sentidos serão ativados para o leitor.” (p. 28)

Vale a pena considerar a maneira pela qual esses módulos são construídos, para que possamos ter uma idéia das possibilidades de utilização do dicionário e da metodologia que norteou a escolha desse padrão. O primeiro módulo tem três itens, a saber, *Composição do termo, Significados e Conotações*. Ao apresentar separadamente significados e conotações, o autor diferencia aquilo que é indicado pela palavra, do modo pelo qual ela indica. A opção por esse par de nomes, *significado e conotação*, para fa-

zer incidir, sobre cada verbete, focos distintos de esclarecimento, não é ingênua. A escolha de Luiz Hanns, também fundamentada no âmbito da lingüística, não subestima as dificuldades aí implicadas. A *questão da demarcação* é por ele abordada em *Metodologia*, sendo seguida pela reflexão a respeito do campo das conotações, onde imperam a subjetividade e a problemática das referências culturais, comuns a certos grupos e inexistentes para outros, onde as demarcações são essencialmente imprecisas. Mas os critérios de distinção mostram-se coerentes com sua proposta, que é a de “Em vez de tentar, através da tradução, trazer verbetes germânicos para o português, /.../ aproximar o leitor dos termos alemães.” (p. 17).

Examinemos o item 2) de *Significados* do verbo

verschieben e do substantivo *Verschiebung* (Deslocamento): “Empurrar fazendo com que deslize, movimento de algo que é correção-regulável. Em geral, pequeno movimento que altera a configuração pelo empurrar-deslizar, ou que provoca troca de posições entre elementos. Usa-se para mecanismos, trilhos em estações ferroviárias de manobras etc. (Também é utilizado como substantivo). *Houve um deslocamento (no sentido de desregulação, saída do prumo), nas hastes da impressora.*” Leiamos agora o item C) de Conotações: “O movimento de *Verschiebung*, tal qual o ‘deslizar’, corre sobre uma ‘trilha’, ‘trilho’, ou por algum caminho de baixa resistência ao atrito. É, pois, um percurso facilitado (propício/menos resistente)”. Este e outros exemplos permitem-nos entrever a progressão desenvolvida pelo método de elucidar o conceito em vários níveis, antes de percorrer a *Etimologia, a Comparação com o Termo em Português* e oferecer exemplos do uso feito por Freud. Destacamos o seguinte, seguido do res-

pectivo comentário: (Uso feito por Freud) “Podemos presumir, portanto, que o deslocamento do sonho (*Traumverschiebung*)* se dá por influência da mesma censura - ou seja, a censura da defesa endopsíquica.” - *A interpretação dos sonhos*, cap.v/a (1900) - (Comentário) “*Aqui *Traumverschiebung* é usado no sentido de alteração do sonho causada através de reposicionamento dos elementos que foram deslizados para outras posições.”

Para obter o máximo de proximidade com a tessitura de sentidos e conotações no âmbito freudiano, foram entrecruzadas três grades de leitura, uma contrastiva, apreendendo as diferenças entre o português e o alemão, uma literária, voltada para efeitos estilísticos e semânticos, e uma teórico-psicanalítica. Nos *comentários*, resultantes desse espectro de iluminação dos textos freudianos, descobrimos o prazer de ler um dicionário como se estivéssemos lendo um romance, às vezes de *suspense*.

É preciso reconhecer que apenas sugerimos o clima, trazido pelo resgate da melodia do idioma e pelo alcance da rede conotativa, que a obra evoca

para o leitor de Freud. São inúmeros os efeitos que produz, inclusive o de estimulante estranheza, ao introduzi-lo “no universo das conotações e dos significados dos termos alemães de mais difícil tradução” (p. 17). Mas, acima de tudo, fornece informações para que o leitor “possa prosseguir por sua conta o estudo de /.../ conexões linguístico-temáticas e /.../ ter uma leitura mais rica, precisa e prazerosa do texto freudiano.” (p. 19). Dificilmente, o aperfeiçoamento dos que se dedicam a traduzir a obra de Freud para o português diminuirá a grande utilidade desse livro ou seu poder de desencadear reflexões.

Camila Salles Gonçalves é professora de Filosofia, doutora pela USP, psicóloga, psicoterapeuta, aluna do 4º ano do Curso de Psicanálise e membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Autora (org.) de *Psicodrama com Crianças - Uma Psicoterapia Possível* e de *Desilusão e Histórica na Psicanálise de Sartre*.